

Sobre a tradução dos tempos verbais: algumas questões sobre o condicional e o futuro

Teresa Oliveira

Introdução

O presente trabalho surge no âmbito de um projecto de análise comparativa de traduções portuguesas de textos franceses¹. Foi utilizado o Editorial do jornal *Le Monde diplomatique*, da autoria de Ignacio Ramonet, na sua versão original, em língua francesa, e a sua tradução, na edição portuguesa do jornal. Para controlo, utilizaram-se também as traduções em italiano, espanhol, catalão e português do Brasil (e em inglês, sempre que necessário). O *corpus* de trabalho é constituído pelos Editoriais de Janeiro de 2003 a Março de 2004.

Pretende-se, nesta comunicação, analisar uma das questões levantadas pelo confronto dos textos, a saber, a tradução para o português de tempos verbais do francês, e, partindo da descrição dos valores do condicional e do futuro, explicar a sua diferente utilização nas duas línguas.

Tempos verbais, valores e operações enunciativas

No quadro da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli, entendem-se os tempos verbais como marcadores de categorias (tempo, aspecto, modalidade), que desencadeiam valores na e pela enunciação. Cada valor caracteriza-se por um conjunto de propriedades (definidas em função de um determinado número de operações abstractas) que permite delinear uma invariância de funcionamento, deixando espaço para uma plasticidade que decorre da interacção com outros valores subjacentes aos enunciados.

O futuro e o condicional são tempos verbais com grandes afinidades, morfológicas e semânticas, e assumem ambos uma ambiguidade entre a expressão de valores temporais e de valores modais. As propriedades básicas destes tempos verbais (em francês como em português) derivam das operações de *ruptura*, de *mira* e de *translação*.

¹ Estudo desenvolvido no âmbito de uma tarefa do projecto «Grade - Gramática e Enunciação», do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

A operação de mira corresponde à construção de um localizador distinto do localizador-origem, (a situação de enunciação origem, Sit₀), a partir do qual se pode considerar a validabilidade de uma relação predicativa:

"consiste em, a partir da situação de enunciação origem, visar, entre os valores da classe, aquele que permite validar a relação predicativa numa situação Sit₂ definida pela coordenada temporal T₂. Por definição, faz parte da operação de mira a construção de um hiato entre Sit₀ e Sit₂" (Campos, 1998: 104).

Esse hiato pode corresponder a uma distância cronológica ou a uma distância não cronológica entre a situação de enunciação origem (Sit₀) e a situação do acontecimento linguístico (Sit₂): no primeiro caso tem valor temporal, no segundo tem valor modal. A operação de mira, nas suas componentes temporal e modal, é subjacente ao condicional e ao futuro, e dela é marcador linguístico o morfema "-r-" (ver Campos, 1998: 105).

A operação de translação consiste na transposição do sistema de coordenadas enunciativas, marcada pela "construção de um localizador (ou sistemas de localizadores) a partir de um outro localizador: o localizador origem" (Sousa & Araújo, 2000: 563). A propriedade de translação do localizador é comum ao condicional e ao pretérito imperfeito do indicativo, e a sua marcação linguística é feita pelas desinências, que são as mesmas para ambos os tempos, tanto em português como em francês (ver Lebaud, 1993: 163, n. 2, para o francês). Nos casos em que a translação do localizador tem origem numa operação de mira com carácter modal, o imperfeito tende, em português europeu (PE), a desempenhar a função antes atribuída ao condicional (*Se viesses cá jantar, fazia / faria o teu prato preferido*).

A ruptura é um dos valores que pode tomar a operação de localização e consiste numa não-localização ou dissociação entre parâmetros enunciativos. Este conceito é central no funcionamento do futuro e do condicional. O futuro introduz uma ruptura entre o momento de enunciação a partir do qual é visada (operação de mira) uma validação e a própria situação de validação visada. O condicional opera uma ruptura subjectiva, pela construção de um localizador-origem fictício (translato), do qual se visa uma relação predicativa (deste localizador fictício, são efectuadas miras fictícias). A ruptura pode ser temporal, entre o momento de enunciação a partir do qual é visada uma validação (T₀, no caso do futuro, outra coordenada temporal que lhe sirva de referência, no caso do condicional) e o da situação de validação visada. Este tipo de ruptura está na origem do valor aorístico do futuro (ver Culioli, [1978] 1990: 149). A ruptura pode, também, ser subjectiva, quando opera sobre o parâmetro sujeito da enunciação (S₀), o que permite a construção de um valor mediativo, que resulta na desresponsabilização do enunciador.

Este valor é frequentemente explorado no texto jornalístico (ver Oliveira, 2001, Neves & Oliveira, 2003) e pode ser marcado, em português, pelo futuro ou pelo condicional (*O indivíduo terá cometido / teria cometido o crime por motivos passionais*).

Segundo Culioli ([1978] 1990: 150, tradução minha), com o condicional jornalístico, "constrói-se um localizador fictício, o que permite dissociar o enunciador do locutor (ou escritor). (...) Isto permite dizer sem assumir o que se diz". Em PE, utiliza-se, geralmente, o condicional quando se atribui a validação dos enunciados a uma outra fonte; o futuro é usado quando se pretende a desresponsabilização das afirmações produzidas, sem, no entanto, as atribuir, necessariamente, a qualquer fonte identificável (ver Neves & Oliveira, 2003: 826).

Sistematizando, as operações enunciativas subjacentes ao condicional são a mira, a translação e a ruptura. O futuro partilha as propriedades de mira e ruptura, mas não a de translação, pelo que a mudança do localizador subjectivo é marcada preferencialmente pelo condicional.

Análise de casos

No *corpus* de trabalho construído, encontram-se algumas assimetrias na utilização do condicional e do futuro, em francês e em PE. Retiveram-se os casos em que o *conditionnel* francês deu lugar, na tradução portuguesa, a um futuro:

(1a) M. Colin Powell a été lui-même manipulé. Et joue désormais son avenir politique. Il **aurait résisté** aux pressions de la Maison Blanche et du Pentagone pour diffuser les informations les plus contestables. Avant son fameux discours du 5 février 2003 devant le Conseil de sécurité, M. Powell a tenu à lire le brouillon préparé par M. Lewis Libby, directeur du cabinet du vice-président Richard Cheney. Il contenait des informations tellement douteuses que M. Powell **aurait piqué** une colère, **jeté** les feuilles en l'air et **déclaré** : « Je ne vais pas lire cela. C'est de la m... » Finalement, le secrétaire d'Etat exigera que M. George Tenet, le directeur de la CIA, soit assis bien en vue derrière lui, le 5 février, et partage la responsabilité de ce qui fut dit. («Mensonges d'Etat», juillet 2003)

(1b) O próprio Colin Powell foi manipulado. E tem agora em jogo o seu futuro político. Segundo parece, **terá resistido** às pressões da Casa Branca e do Pentágono para difundir as informações mais contestáveis. Antes do seu famoso discurso de 5 de Fevereiro de 2003 no Conselho de Segurança, Colin Powell fez questão de ler o rascunho preparado por Lewis Libby, director do gabinete do vice-presidente Richard Cheney. Esse rascunho continha informações tão duvidosas que Powell se **terá enfurecido**, atirando as folhas ao ar e declarando: «Não vou ler isso. É uma m...». Nesse 5 de Fevereiro, o secretário de Estado acabou por exigir que George Tenet, o director da CIA, ficasse sentado atrás dele, bem visível, de modo a partilhar a responsabilidade daquilo que foi dito. («Mentiras de Estado», Jul. 2003)

(2a) Selon Mme Jane Harman, représentante démocrate de Californie, nous **serions** en présence de « la plus grande manoeuvre d'intoxication de tous les temps » («Mensonges d'Etat», juillet 2003)

(2b) Segundo Jane Harman, representante democrata da Califórnia, **estaremos** pois em presença da «maior manobra de intoxicação da opinião pública de todos os tempos» («Mentiras de Estado», Jul. 2003)

(3a) Certes, le général Garner a laissé entendre que cette occupation ne **serait** pas éternelle («Néo-impérialisme», mai 2003)

(3b) O general Garner, é claro, deu a entender que esta ocupação não **será** eterna («Neo-imperialismo», Maio 2003)

(4a) Cette stratégie apparaît comme une manifestation de la nouvelle arrogance impériale des Etats-Unis, comme une sorte de « caprice de puissant » dont les conséquences géopolitiques (en plus des milliers de victimes humaines) **pourraient** être désastreuses. («Avant-guerre», fév. 2003)

(4b) Esta estratégia surge como uma manifestação da nova arrogância imperial dos Estados Unidos, como uma espécie de «capricho dos poderosos» cujas consequências geopolíticas (além dos milhares de vítimas humanas) **poderão** ser desastrosas. («Antes da guerra», Fev. 2003)

(5a) L'information étant un bien commun, sa qualité ne **saurait** être garantie par des organisations composées exclusivement de journalistes, souvent attachés à des intérêts corporatistes. («Le cinquième pouvoir», octobre 2003)

(5b) Sendo a informação um bem comum, a sua qualidade não **poderá** ser garantida por organizações compostas exclusivamente por jornalistas, frequentemente agarrados a interesses corporativistas. («O quinto poder», Out. 2003)

(6a) L'ordre d'ouvrir le feu ne **devrait** plus tarder. («Avant-guerre», fév. 2003)

(6b) A ordem para abrir fogo não **deverá** tardar. («Antes da guerra», Fev. 2003)

(7a) L'obsession antiterroriste les **conduirait**-elle à renier cette exigence fondamentale ? En décrétant l'état d'exception comme norme et en érigeant la police comme figure centrale du système, les démocraties sont-elles, sous nos yeux, en train de se suicider ? («Antiterrorisme», mars 2004)

(7b) **Irá** a obsessão antiterrorista levá-las a renegar esta exigência fundamental? Ao decretarem o estado de exceção como norma e ao elevarem a polícia a figura central do sistema, **estarão** as democracias, à nossa vista, a suicidar-se? («Antiterrorismo», Março 2004)

Antes de mais, constata-se, a uma primeira observação, que as ocorrências verbais em causa são, sobretudo, formas de verbos modais, como *pouvoir*, *devoir* e *savoir* (na construção *ne savoir* + *COND*) e do verbo *être* (de que foram escolhidos apenas alguns exemplos). Além disso, sempre que estavam em causa valores hipotéticos claros ou de futuro do pretérito, a tradução do *conditionnel*, era feita pelo condicional. Parece, então, lícito propor uma análise transcategorial, temporo-modal, dos enunciados.

Em (1a), (2a) e (3a), estamos na presença de casos condicional com valor mediativo, que codificam uma distanciação entre o sujeito enunciadador e as afirmações produzidas, atribuídas a outro sujeito enunciadador. A fonte enunciativa é identificada em (2a) (Mme Jane Harman) e (3a) (o general Garner). Em (1a), o enunciadador distancia-se da

responsabilidade enunciativa (através do condicional), mas não revela a fonte das afirmações.

Em PE, a distanciação enunciativa sem translação do localizador subjectivo, ou seja, sem que as afirmações produzidas sejam atribuídas a uma fonte identificável, justifica o uso do futuro em (1b). Porém, o futuro é utilizado igualmente em (2b) e (3b), casos em que as afirmações são directamente atribuídas a uma fonte identificada. Nestes dois enunciados, o emprego do futuro relaciona-se com os valores temporais em causa: a simultaneidade em (2b) e a posterioridade em (3b). O condicional incitaria a uma leitura de anterioridade em relação ao tempo da enunciação (T_0).

Todas as traduções de (1a) conservam formas de distanciação mediativa, que pode manifestar-se nas formas verbais, com o condicional, ou em fórmulas de introdução de discurso indirecto:

(1c) (ES) Powell **habría** resistido las presiones de la Casa Blanca y del Pentágono para difundir informaciones muy cuestionables. [...] Ese documento contenía informaciones tan dudosas que Powell se **habría enfurecido, lanzado** las hojas al aire y **exclamado**: [...]

(1d) (IT) **Sembra che** abbia resistito alle pressioni della Casa Bianca e del Pentagono per la diffusione di informazioni particolarmente contestabili. [...] Queste note contenevano informazioni talmente inattendibili che a **quanto pare** Powell, infuriato, ha gettato in aria i fogli dichiarando: [...]. Alla fine, il Segretario di stato **avrebbe insistito** perché il direttore della Cia, George Tenet, rimanesse seduto bene in vista dietro di lui [...]

(1e) (CAT) Ell **hauria** fet front a les pressions de la Casa Blanca i del Pentàgon a l'hora de difondre les informacions més discutibles. [...] Contenia unes informacions tan dubtoses que **sembla que** Powell es va enfurismar, va llençar els fulls per terra i va exclamar: [...]

(1f) (PB) **Teria resistido** às pressões da Casa Branca e do Pentágono em divulgar informações extremamente discutíveis. [...] Continha informações de tal forma duvidosas, que Powell **teria tido** um acesso de raiva, **jogado** ao ar as folhas de papel e **declarado**: [...]. Por fim, o secretário de Estado **exigiria** que George Tenet, diretor da CIA, ficasse sentado bem atrás de si

(1g) (ING) He **was reported** to have resisted White House and Pentagon pressures to distribute the most dubious briefings. [...] It contained such tenuous information that Powell **was said** to have become angry, thrown the sheets in the air and refused to read it

Em relação às traduções de (2a), das línguas que conservam uma estrutura próxima do original francês, o espanhol, o catalão e o PB mantêm o condicional:

(2c) (ES) **estaríamos** en presencia de «la mayor maniobra de tergiversación de todos los tiempos»

(2d) (CAT) Segons Jane Harman, representant demòcrata de Califòrnia, ens **trobaríem** davant de «la maniobra d'intoxicació més gran de la història»

(2e) (PB) **estaríamos** diante da «maior manobra de intoxicação de todos os tempos»

No caso de (3a), o espanhol e o PB acentuam o valor mediativo, pelo uso do condicional; as outras línguas destacam o valor de posterioridade:

- (3c) (ES) esta ocupación no **sería** eterna
- (3d) (IT) quest'occupazione non **sarà** eterna
- (3e) (CAT) aquesta ocupació no **serà** pas eterna
- (3f) (PB) esta ocupação não **seria** eterna
- (3g) (ING) his occupation **will** not be for ever

Segundo Ferreres Masplá e Olivares Pardo (2000: 183, tradução minha), o emprego mediativo do condicional "está a tornar-se cada vez mais frequente em espanhol, sem dúvida sob influência do francês". Esta explicação poderá ajudar a interpretar as semelhanças na utilização do condicional em francês e em espanhol, neste tipo de enunciados.

Em (4a), *pourraient* assume um valor modal epistémico de eventualidade. Segundo Tasmowski e Dendale (1994: 53, tradução minha), "*pouvoir* [epistémico] propõe mais de uma hipótese, mas o condicional indica que uma delas é favorecida".

Campos (1998: 261) designa este valor epistémico de *poder* como valor de não exclusão, parafraseável por *é possível que, não está excluído que*. Este verbo modal é marcador de uma operação enunciativa de localização, no espaço referencial construído na e pela enunciação, de uma relação predicativa, saturada e estabilizada nas suas relações internas (ver Campos, 1998: 261-262). O raciocínio do enunciador conduz à inferência da possibilidade que sustenta. Em PE, é o futuro que favorece a mira de uma hipótese privilegiada; o condicional constrói a hipótese como uma possibilidade entre outras.

O enunciado (4a) permite oscilações na tradução, na medida em que pode ser interpretado como uma hipótese. O condicional é, assim, mais consensual:

- (4c) (ES) **podrían** ser desastrosas
- (4d) (IT) **potrebbero** essere disastrose
- (4e) (CAT) **podrien** ésser desastroses
- (4f) (PB) **poderiam** ser desastrosas
- (4g) (ING) **could** turn out to be disastrous

A estrutura *ne savoir + COND*, em (5a), tem um valor não epistémico de interdição, traduzível em português por *poder*. O futuro privilegia, em português, a mira da acção; o condicional induziria a uma leitura hipotética.

Em relação à tradução de (5a), o espanhol e o catalão conservam o condicional, enquanto as outras línguas utilizam *poder* + *PRES*. A tradução brasileira usa igualmente o condicional, devido, provavelmente, a uma interpretação errada da frase original:

- (5c) (ES) su calidad no **podría** estar garantizada por organizaciones integradas exclusivamente por periodistas
- (5d) (IT) la sua qualità non **può** essere garantita da organizzazioni composte esclusivamente a giornalisti
- (5e) (CAT) la seva qualitat no es **podria** garantir amb organitzacions compostes exclusivament de periodistes
- (5f) (ING) its quality **cannot** be guaranteed by organisations made up only of journalists
- (5g) (PB) sua qualidade só **poderia** ser garantida por organizações exclusivamente compostas por jornalistas (*sa qualité ne pourrait être garantie que par des organisations composées exclusivement de journalistes*)

Em (6a), a forma *devrait* tem um valor epistémico de inferência e implica uma distanciação por parte do locutor, parafraseável por *se os dados tomados em consideração não me enganaram* ou *foram bem interpretados* (ver Tasmowski e Dendale, 1994: 49). Segundo os mesmos autores, o emprego de *devrait* epistémico indica que a informação dada é deduzida a partir de um conjunto de premissas, como com o indicativo, mas acrescenta uma restrição sobre a conclusão, assumida apenas na condição de um certo número de factores (ver Tasmowski e Dendale, 1994: 50).

Dever + *COND* tem um valor de predição (ver Campos, 1998: 153-156), ou seja, é um juízo sobre a validação da relação predicativa num tempo posterior ao tempo da enunciação e resulta de uma inferência do enunciador, a partir do seu conhecimento directo, expresso no contexto linguístico anterior:

- (6a') Tout indique désormais que la guerre des Etats-Unis et de quelques-uns de leurs vassaux contre l'Irak **aura** bien lieu. Sur terre, sur mer et dans l'air, la formidable machinerie militaire est maintenant au complet et la logistique fin prête. Les caméras des télévisions du monde sont aussi sur place.
- (6b') Tudo indica que a guerra dos Estados Unidos e alguns dos seus vassallos contra o Iraque **irá** mesmo ocorrer. Por terra, no mar e no ar, a tremenda maquinaria bélica já está completa e a logística pronta. As câmaras de televisão do mundo inteiro também já lá estão

Em PE, devido ao contexto linguístico anterior, o uso do condicional torna-se estranho, porque, por um lado, não admite uma leitura de futuro do pretérito e, por outro lado, os indícios apontados são demasiado fortes para permitirem a construção de uma hipótese pouco provável:

- (6b'') A ordem para abrir fogo não **deverá** tardar.
(6b''') A ordem para abrir fogo não **deveria** tardar.

O confronto destes dois enunciados mostra a diferença entre uma formulação preditiva e uma formulação hipotética.

Em relação às outras versões, o espanhol e o italiano mantêm o condicional; a tradução brasileira é idêntica à portuguesa; em inglês, sublinha-se a relação de posterioridade:

- (6c) (ES) La orden de abrir el fuego no se **debería** demorar
(6d) (IT) L'ordine di aprire il fuoco non **dovrebbe** tardare
(6e) (PB) A ordem de abrir fogo não **deverá** tardar
(6f) (ING) the order to begin hostilities **will** not be delayed long

Em catalão optou-se pelo uso do verbo *poder* com valor epistémico de exclusão (ver Campos, 1998: 299):

- (6g) (CAT) L'ordre d'obrir foc no **pot** tardar

Segundo Campos (1998: 301):

"[...] a 'não poder p' [corresponde] um maior grau de assunção da negação de <p> do que à própria asserção estrita do valor negativo de <p>, isto é, de <não-p>. Efectivamente, quando não poder tem valor de exclusão, dizer 'não poder p' equivale à asserção de <não-p> a que é acrescida, pelo pré-construído implícito, a fundamentação daquela asserção. Logo, numa escala de valores argumentativos, 'não poder p', quando tem valor de exclusão, é mais forte e, portanto, mais irrefutável, do que 'não p': «não p porque, por definição, não pode p»."

Esta explicação, construída com base nas ocorrências atestadas para o PE, parece-me, à falta de maior conhecimento da língua catalã, adequada para dar conta de (6g).

Em (7a), o enunciador mantém aberta uma possibilidade futura, construída na intersecção do condicional e da interrogação. Esta possibilidade futura é mantida, em todas as traduções, através do futuro. O PB conserva os verbos no condicional, mas introduz a interrogação por uma fórmula no futuro:

- (7c) (ES) ¿La obsesión antiterrorista las **llevará** a renegar de esa exigencia fundamental? Al decretar el estado de excepción como norma, y al erigir a la policía como figura central del sistema, ¿las democracias no se están suicidando ante nuestros ojos?
(7d) (IT) **Finiranno** per rinnegare quest'esigenza fondamentale, trascinati dall'ossessione antiterrorista? Erigendo a norma lo stato d'eccezione e ponendo la polizia al centro del sistema, le democrazie non **finiranno** per suicidarsi sotto i nostri occhi?

(7e) (CAT) L'obsessió antiterrorista els **portarà** a negar aquesta exigència fonamental? En decretar l'estat d'excepció com a norma i situar la policia com a figura central del sistema, les democràcies no se suïciden davant nostre?

(7f) (PB) **Será** que a obsessão antiterrorista as **levaria** a renegarem essa exigência fundamental? Ao decretarem o estado de exceção como norma e darem à polícia o status de figura central do sistema, **estariam** as democracias caminhando, sob nosso olhar, para o suicídio?

(7g) (ING) Are we now in a position where obsession with anti-terrorism **will** lead them to abandon this most fundamental of commitments? Is it possible that by establishing the state of emergency as a norm and making the police the centre of the state system, the democracies are committing suicide?

Voltando à questão inicial, como explicar a necessidade de utilizar outros tempos verbais, que não o condicional, para construir o mesmo sentido na tradução portuguesa, ou até mesmo para obter enunciados bem formados?

A comparação com as traduções noutras línguas ilustra as oscilações permitidas pelas estruturas, quer se trate de nuances de sentido na interpretação do texto original ou da escolha de diferentes construções sintácticas.

Apercebemo-nos de que, por vezes, manter o condicional produziria, em PE e em PB, uma interpretação completamente diferente da pretendida. É o caso de (6b) e (6e), em que o condicional propiciaria uma leitura hipotética, distinta da de predição.

Segundo Campos (1998: 239, citando Huot, 1974), "em francês, os modais *devoir* e *pouvoir* só se combinam com a forma em *-r-* do futuro gramatical quando têm valor não epistémico". Assim sendo, a ocorrência destes verbos no futuro "permite reconhecer que se trata de um valor não epistémico" (*ibid.*). Os valores epistémicos restringem-se exclusivamente ao condicional, o que não sucede em português. Em português, os valores modais distribuem-se de forma mais ou menos equitativa pelos dois verbos, *dever* e *poder*, que podem assim adquirir cambiantes de sentido próprias.

Parece claro que a assimetria na utilização dos tempos verbais em línguas diferentes prende-se com o facto de que, apesar de desencadarem valores semelhantes, cada tempo verbal foi adquirindo, com a evolução de cada uma das línguas, por um lado, e com as relações que foi estabelecendo dentro de cada sistema verbal, por outro, alguns valores que lhe são próprios e exclusivos. Assim, é possível, numa língua, um tempo verbal perder ou ganhar um determinado valor que, noutra língua, está associado a um tempo diferente.

Referências bibliográficas

Campos, Maria Henriqueta Costa (1998) *DEVER e PODER. Um subsistema modal do Português*, Lisboa: FCG/JNICT.

Culioli, Antoine ([1978] 1990) «Valeurs modales et opérations énonciatives» in *Pour une linguistique de l'énonciation I: Opérations et représentations*, Paris: Ophrys, pp. 135-155.

Ferreres Masplá, Federico, Amparo Olivares Pardo (2000) «Pour un conditionnel monosémique en français et en espagnol» in *Actes du XXII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, vol. VI, pp. 175-185.

Lebaud, Daniel (1993) «L'imparfait: indétermination aspectuo-temporelle et changement de repère», *Le gré des langues* 5, pp. 160-176.

Neves, Janete Bessa, Oliveira, Teresa (2003) «Estratégias linguísticas de distanciamento no jornalismo: as construções mediatizadas», in L. Ruiz Miyares, C.E. Álvarez Moreno & M.R. Álvarez Silva (eds.), *Actas del VIII Simposio Internacional de Comunicación Social (Santiago de Cuba, 2003)*, Santiago de Cuba: Centro de Lingüística Aplicada, vol. II, pp. 823-827.

Oliveira, Teresa (2001) «O futuro e o condicional como marcadores de mediativo», in C.N. Correia, A. Gonçalves (eds.), *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Coimbra, 2000)*, Lisboa: APL/Colibri, pp. 403-414.

Sousa, Otilia Costa, Araújo, Sílvia (2000), «Imperfeito português e condicional francês: valores modais», in R.V. Castro & P. Barbosa (eds.), *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Faro, 1999)*, Braga: APL, vol. II, pp. 559-573.

Tasmowski, Liliane, Dendale, Patrick (1994) «Pouvoir_E: un marqueur d'évidentialité», *Langue Française* 102, pp. 41-55.

Corpus

Le Monde diplomatique, URL: <http://www.monde-diplomatique.fr/>

Le Monde diplomatique – edição brasileira, URL: <http://www.diplo.com.br/>

Le Monde diplomatique – Edição Portuguesa, Lisboa: Campo da Comunicação.

Le Monde diplomatique – edició en llengua catalana, URL: <http://www.mondiplomatic.com/>

Le Monde diplomatique – edición española, URL: <http://www.monde-diplomatique.es/>

Le Monde diplomatique – english edition, URL: <http://mondediplo.com/>

Le Monde diplomatique – Il manifesto, URL: <http://www.ilmanifesto.it/MondeDiplo/>

Ramonet, Ignacio (2004) *O Novo Rosto do Mundo*, Lisboa: Campo da Comunicação.